

TROTSKY E A DITADURA DO PROLETARIADO

H. Smith



Leon Trotsky:

Leon Trotsky insiste em seu erro. O que ele denomina como “ditadura do proletariado” na Rússia reveste-se aos seus olhos como um peso, e, portanto, possui uma significação bem mais considerável que uma futura ditadura dos trabalhadores que continua ainda por definir. Assim, não contente em nos informar da existência de uma ditadura do proletariado na Rússia, ele constata que essa pretensa ditadura é significativa. É evidente, para Trotsky, que esse "exemplo vivo" influencia a sua concepção da futura forma de dominação operária. Com efeito, nada mais significativo para os acontecimentos futuros do que os acontecimentos do presente.

Incapaz de sair da problemática russa, Trotsky calcula que a luta pelo poder visa, por ordem de prioridade, primeiro o Partido, depois, bem mais tarde, os sindicatos e, em último lugar, os conselhos operários. Ele concede o justo lugar ao fator “espontaneidade”, mas esclarece que sem a vontade de aço e a experiência provada de um partido semimilitar, o movimento está fadado ao fracasso. De uma tal concepção deriva, necessariamente, uma política intransigente, mesmo se Trotsky afirma que essa intransigência se deve limitar a questões de princípio; disso deriva a organização burocrática, a recusa em reconhecer os seus erros para evitar manchar o prestígio da organização, e, finalmente, vemos a imposição de chefes cuja incapacidade é proporcional à sua importância hierárquica.

Ao longo das suas viagens, Gulliver descobriu o império de *Blefuscu*. Trotsky, na óptica da sua teoria, descobre uma forma de poder proletário na Rússia. Os respectivos discursos são do mesmo gênero. Porque, antes de tudo, deve ser compreendido que a ditadura do proletariado (e sobre este ponto é a própria história que julgará) não se pode conceber senão como um poder fundado ao nível de produção permitindo a generalização da abundância. É um poder que não pode efetivamente, no

sentido comunista, existir à escala mundial senão quando o capitalismo tiver percorrido o seu percurso de desenvolvimento.

Se se tiver em conta o fato de que o poder do proletariado depende não da vontade humana, mas, tal como a ditadura do capitalismo, de um nível preciso de desenvolvimento industrial e das condições de troca que dele resultam (fenômenos que têm prioridade sobre a “vontade” e que determinam o que devem ser as relações sociais de produção), é pois ao nível de desenvolvimento no modo de produção correspondente e no modo de troca que se encontrará a natureza manifesta do poder.

Aliás, cientificamente, o único meio de explicar a natureza de um sistema econômico e político consiste em procurar como são produzidos os objetos (qual é a extensão da divisão social do trabalho) e como, se existe troca, são trocados esses objetos.

Apenas tal investigação permite saber se os valores de troca são produzidos, se a força de trabalho se troca contra salários, se há acumulação de capital e apropriação de mais-valor. Não se pode adivinhar a natureza de um sistema social e pretender ter razão contra todos, como por encanto. Um sistema explica-se pelos seus mecanismos e dinâmica econômicos, na falta do que, continua incompreensível.

Os Grandes Espíritos São Alérgicos às Evidências

Incapaz de perceber essas evidências, Trotsky prefere ignorá-las. Os espíritos superiores apenas podem interessar-se pelas coisas profundas!

Para ele, estamos na era do imperialismo e os países desenvolveram-se desigualmente. Um país atrasado pode chegar ao poder e isso facilitará a tomada de poder num país mais avançado. O capitalismo é um sistema internacional. Mas se os operários tomam o poder num país atrasado, esperando que os outros povos lhes sigam as pegadas, isso não será uma ditadura do proletariado?

Quando os trabalhadores tomarem o poder nas ilhas *Fidji*, qual será o alcance de tal acontecimento no plano mundial? Os trabalhadores tomaram o poder nas ilhas *Fidji* – nem mais nem menos.

Trotsky tem uma concepção romanesca da revolução e dos processos sociais. Uma greve geral num país altamente industrializado é muito mais determinante do ponto

de vista da revolução mundial que a tomada do poder numa ilha *Fidji*, mesmo que tivesse ela a dimensão dum sexto do Globo (a Rússia). Alcançar o poder num país sem poderio industrial, que não está maduro para o capitalismo, é garantir que os operários deverão assumir as tarefas governamentais da burguesia, sofrendo e não ultrapassando, o sistema de produção burguês. É precisamente o desenvolvimento desigual entre os países que causa essas anomalias deploráveis, mas inevitáveis.

Não está excluído que, quando de um eventual Outubro num outro país atrasado, os operários do “Ocidente” sigam as pegadas. A questão não está aí (a qual não poderá nunca ser resolvida teoricamente). O problema é o seguinte: uma vez que o Ocidente não veio em socorro dos operários russos, o que é que daí resulta para a natureza do atual regime russo e como vê Trotsky esse regime?

Para Trotsky, a equação é lógica: os operários russos tomaram o poder, portanto há uma ditadura do proletariado na Rússia. Ora, a premissa desta equação é falsa se se não faz intervir os camponeses com os seus objetivos e a pequena burguesia urbana com as suas aspirações. É igualmente falso dizer que, em Outubro, os operários ganharam sem essas classes, ou contra elas. Na verdade, para Trotsky, o problema do poder operário não se põe antes de tudo em função do seu conteúdo econômico, mas em função do seu contorno fenomenológico: “Uma coisa existe porque me parece que existe”.

Mas, objetará ele, os operários sob a direção dos bolcheviques não tomaram o poder? Eis evidentemente uma pergunta sem equívocos, destinada a dissipar qualquer ideia falsa. Ora, essa pergunta obriga a perguntar se os operários instauraram, de armas na mão, novas relações de produção. Formular a interrogação é já responder-lhe: não. Porque mesmo se eles expropriaram a aristocracia existente e alguns núcleos de concentração capitalista, os operários não puderam estabelecer as novas relações de produção socialistas. Sustentar que a nacionalização da indústria e o controle estatal dos bancos são, em si e sem mais, medidas socialistas, leva a aprovar o que Mussolini e, ainda mais, Hitler, reivindicam nos seus programas. A única questão com sentido é a seguinte: a maior parte da indústria tornou-se propriedade dos trabalhadores armados?

Historicamente, a Revolução Russa foi a captura de uma estrutura de produção em construção (a Rússia) porque não era possível ocupar uma estrutura de

produção terminada (o Ocidente). Contudo há ainda um aspecto a examinar. A 7 de Novembro, o proletariado russo bateu os seus inimigos e guardou as espingardas. Imediatamente ouviram-se os ecos da “Internacional” e “A Cavalaria de Boudiény”. Em todas as tribunas lançavam-se discursos sobre o socialismo. Qual o sentido de todos esses acontecimentos?

Ao contrário da burguesia em expansão que, procedendo em dois tempos, assegura primeiro o seu poder econômico e toma em seguida o poder estatal, o proletariado, pelo simples fato de que lhe é estranha a propriedade, deve executar as duas tarefas simultaneamente. Desta necessidade resulta o “elo mais fraco” que causou as tentativas, na verdade prematuras, mas justificáveis, de tomada do poder.

A interpretação correta dos acontecimentos é esta: quando os operários russos agiram, representavam o proletariado mundial agindo onde podia (na Rússia), porque não o podia ainda fazer onde devia (nos países industrializados). Quando uma tal tentativa teve êxito num país atrasado, a natureza do poder é ao mesmo tempo evidente e ambígua. Ela é de tal modo dependente dos operários dos outros países que, com a sua intervenção, torna-se positiva, e, sem ela, negativa.

A ditadura do proletariado não consiste simplesmente em se vingar dos inimigos. *O que é determinante na natureza de tal ditadura é a sua capacidade de destruir o antigo sistema de produção (ao contrário do que sustentava Lênin: destruir primeiro o Estado, para ele condição necessária e suficiente. O exemplo da Rússia provou que o velho Estado pode ser destruído sem que mude o velho sistema) e em “libertar” as capacidades produtivas.* Sendo a ditadura do proletariado, por assim dizer, a via mais segura para a abundância, uma vez expropriados os antigos possuidores, ela pode na verdade revestir formas diferentes. Mas que seja efetivamente uma ditadura do proletariado não deve tropeçar frente aos obstáculos principais. Quando uma ditadura do proletariado repousa numa economia capitalista (produção de mais-valor e sua apropriação, acumulação do capital) e se vê constrangida, no interesse da sua economia, a impor aos trabalhadores a pobreza (pauperização relativa) em lugar da abundância e, em lugar da igualdade material, uma desigualdade sempre crescente, pode-se legitimamente perguntar o que tem tal ditadura de proletária.

Na realidade, Trotsky gostaria de fazer crer que o capitalismo específico da Rússia é o socialismo, uma vez que os seus fundadores se reclamam de Marx. A partir desta tese, não é, pois, a natureza do sistema que serve de prova mas a integridade dos seus chefes.

Se Trotsky admitisse a existência do capitalismo na Rússia, teria que admitir que outros operários russos, hoje mortos ou em vias de morrer em *Verkhny, Uralsk*, tinham acertado e que ele tinha se enganado. O que, tanto no plano pessoal como político, seria muito embaraçoso para o "Velho". E depois, aliás, pode muito bem acontecer que a sua ignorância da teoria econômica marxista o impeça de chamar as coisas pelos seus nomes.

Com efeito, Trotsky não se debruça na análise dos novos capitalistas russos, mas na recordação das suas conquistas para o socialismo. Não é, pois, de admirar que, para ele, a personalidade do assassino Stálin importe mais que a exploração das massas russas. E, aliás, onde estão esses novos capitalistas russos? O que é um capitalista? Definilo como um homem que tem muito dinheiro é tão pueril quanto descrevê-lo como tendo uma grande barriga. O capitalista não é senão o dinheiro através do qual o capital realiza a acumulação. Em segundo lugar, ele pertence à classe que retira da produção o seu bem-estar material privilegiado. Por outras palavras, um sistema em que se produz a acumulação do capital e em que alguns ganham muito mais que a maioria, revela a presença de capitalistas. Nesse quadro, importa pouco saber se o capitalista é o único proprietário titular da indústria, ou se a partilha com uma centena de outros sócios; importa também pouco saber se ele possui pessoalmente um bilhão de dólares ou somente 200 mil rublos e dois criados.

Que é a Ditadura do Proletariado?

A ditadura do proletariado não é um produto acabado e concreto como um clube de operários ou o Palácio dos Sovietes; é um *processus* que, como todos os processos sociais, só reveste formas determinadas na conjuntura imediata e momentânea.

É através desse *processus* que o marxismo encontrará o modo pelo qual a sociedade inteira evoluirá em direção ao comunismo. A ditadura do proletariado não

acaba senão quando o país colonizado mais atrasado se tornar socialista. Um tal raio de ação implica numerosas variações na forma do poder, regressões e derrotas temporárias. Que a primeira tentativa de ditadura do proletariado se pretenda a receita para a tomada do poder é, na verdade, uma brincadeira que provocará risos durante muitos séculos. Mas essa é a vaidade desses “grandes” dos quais, depois da morte de Lênin e Trotsky e da instauração de um autêntico poder proletário, nenhum restará.

É evidente que já agora, o próprio termo “ditadura do proletariado” se torna suspeito para as massas. O mérito vem-lhe naturalmente da política conduzida pelo Cominter depois da revolução e desde a derrota do proletariado russo. Seguramente um novo termo surgirá para substituir este que se tornou odioso.

Uma análise teórica falsa deve, necessariamente, conduzir a conclusões táticas e organizacionais erradas; é o que mostra claramente os esforços patéticos empregues por Trotsky para vencer Stálin ao organizar a revolução mundial.

As suas análises em termos de “burocracia operária corrompida” e de bonapartismo conduziram-no a querer, respectivamente, reformar o Cominter e construir um novo. O eco de uma ou outra tentativa é demasiado audível para possibilitar discussões. A entrada da sua pequena equipe no despojamento da II Internacional foi o gesto de um homem frustrado. Mas esta frustração apesar de tudo foi proveitosa uma vez que permitiu, através dessas tentativas incertas, tomar consciência das numerosas possibilidades, além da organização leninista, de que os operários dispõem para tomarem a indústria e a “transformarem”.

Desde já, Trotsky não pode mais ser considerado como um marxista. Foi um “grande homem” que já não tem o seu lugar no contexto atual.

Manter a ilusão de uma ditadura do proletariado na Rússia é para Stálin, o meio de matar os operários conscientes e instaurar uma máquina de contrarrevolução mundial; para Trotsky, é o labirinto terminológico autodestruidor. Para os marxistas, o atual regime russo é um capitalismo de Estado. É seu dever revelar esta mistificação aos operários que querem e lutam por uma sociedade melhor.